

GERENCIANDO O COMMON GROUND: O MARCADOR PRAGMÁTICO SABE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Brendha Portela¹
Diogo Pinheiro²

RESUMO: Este artigo analisa o marcador pragmático “sabe” no português brasileiro sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso. Propõe-se que o marcador constitui um mecanismo de monitoramento interacional voltado à gestão do *common ground* e à coordenação intersubjetiva entre os interlocutores. Com base em uma análise qualitativa de 1.524 ocorrências extraídas do *Corpus do Português*, foram identificados dois padrões funcionais. O uso 1, de natureza preventiva ou corretiva, surge diante de uma Fonte Potencial de Desalinhamento (FPD), isto é, uma proposição que ameaça a correta incorporação da informação ao *common ground* por gerar risco de interpretação inadequada – nesses casos, o marcador recalibra o fluxo discursivo para assegurar o alinhamento interpretativo. Em contrapartida, o uso 2 manifesta-se em contextos de estabilidade do *common ground* – nesses casos, em que há risco significativamente baixo de FPD, o “sabe” assume o papel de marcador de polidez positiva, na medida em que reforça a afiliação entre os participantes. Sustenta-se, portanto, a generalização de que o marcador “sabe” constitui um recurso intersubjetivo sensível ao estado do *common ground*, ao qual se vincula de modo sistemático, seja para sua manutenção, seja para seu ajuste no curso interacional.

PALAVRAS-CHAVE: marcador pragmático “sabe”; intersubjetividade; *common ground*; monitoramento interacional.

1 Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

2 Professor Associado da UFRJ e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística.

Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever funcionalmente o marcador pragmático “sabe” no português brasileiro (PB), à luz do arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Langacker, 1987, 1991; Goldberg, 1995, 2003, 2006; Croft, 2001; Bybee, 2010, 2013). Partindo da análise de dados reais de uso linguístico, propõe-se que esse marcador funciona como um mecanismo de monitoramento interacional voltado à gestão do *common ground* e à coordenação intersubjetiva entre interlocutores.

O marcador em foco realiza-se pela forma “sabe”, correspondente à terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “saber”, sendo frequentemente realizado com contorno entoacional interrogativo³. Exemplos desse uso podem ser observados nos dados a seguir, extraídos do *Corpus do Português*, *aba NOW* (Davies, 2016)⁴:

- (1) [...] Outro dia vi uma camiseta de malha lindíssima. Era bordada, de uma grife internacional. Custava R\$ 7 mil. Não consigo. Era apenas uma camiseta, sabe? Mas já me dei de presente uma jaqueta de a Balmain. Pensei, «eu ralo pra caramba, mereço». Mas aí tem uma medida, entende? [...] (*Corpus do Português – NOW*)
- (2) [...] # Moro - « O senhor ex-presidente acompanhava as atividades de o instituto? » # Lula - « Não, não, o instituto tem uma diretoria, sabe, que discute. E se alguém contribui com o instituto está contabilizado, sabe? É isso. [...] (*Corpus do Português – NOW*)

3 Esta pesquisa se restringiu à forma de 3ª pessoa, “sabe”, de maneira que não investigamos a possibilidade de existência de outras flexões desse marcador discursivo.

4 Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Nos estudos sobre o PB, o verbo “saber” tem sido amplamente descrito como um marcador discursivo, configurando-se como um recurso de apoio discursivo (RAD), associado à manutenção do fluxo conversacional, ao estabelecimento de contato entre interlocutores e à verificação da compreensão do ouvinte (Martelotta; Leitão, 1996; Silva; Macedo, 1996; Valle, 2001, 2014; Bertasso, 2020). Complementarmente, estudos construcionistas têm evidenciado que o verbo integra construções que desempenham funções epistêmicas e operam na gestão da intersubjetividade entre os participantes do discurso (Oliveira; Ramos, 2025).

Partindo desse conjunto de contribuições, este trabalho propõe uma caracterização mais sistemática do funcionamento semântico-pragmático do “sabe”. Especificamente, buscamos mostrar que os diferentes efeitos interacionais associados ao marcador podem ser compreendidos como manifestações de uma função mais geral: a gestão do *common ground* entre falante e interlocutor. Com base em uma perspectiva baseada no uso, portanto, assumimos que tais ocorrências não constituem elementos periféricos do sistema linguístico, mas unidades simbólicas convencionais, cujo significado emerge da recorrência de padrões de forma e função em contextos específicos de uso.

O ponto inicial análise é a observação de que o marcador pragmático “sabe” ocorre de maneira recorrente em contextos nos quais o falante demonstra atenção explícita ao estado da interação e ao grau de alinhamento com o interlocutor. Esse monitoramento, no entanto, não se manifesta de forma homogênea. Como demonstraremos ao longo deste artigo, em determinados contextos, seu uso parece estar associado à prevenção ou à correção de possíveis desalinhamentos interpretativos; em outros, aparece atrelado a situações nas quais não há ameaça ao entendimento mútuo, funcionando antes como um recurso de validação, empatia ou afiliação discursiva.

Para dar conta desse funcionamento, este artigo adota como conceito analítico central a noção de *common ground*, entendida

como o espaço interacional no qual se inscrevem os conhecimentos, pressupostos, crenças e expectativas que os participantes tratam como compartilhados ou potencialmente compartilháveis (Clark, 1996). Defende-se, assim, que o “sabe” opera como um recurso linguístico diretamente associado à gestão do *common ground*, atuando como um marcador de monitoramento interacional. Ao ser mobilizado, o marcador sinaliza que determinado segmento discursivo requer atenção especial quanto à sua interpretação, incorporação ou validação no espaço compartilhado da interação. Nesse sentido, o “sabe” não incide primariamente sobre o conteúdo proposicional do enunciado, mas sobre o enquadramento pragmático que orienta sua interpretação.

Com base na análise qualitativa de dados extraídos do *Corpus* do Português (Davies, 2016), o artigo descreve padrões recorrentes de uso do “sabe” no PB e propõe uma generalização semântico-pragmática que dá conta de explicar sua organização funcional. Argumentamos que esses usos se distribuem em dois grandes agrupamentos, os quais compartilham um núcleo intersubjetivo comum, mas se distinguem quanto ao tipo de operação pragmática realizada sobre o *common ground*. Ao explicitar esses padrões, o trabalho busca contribuir para a descrição do funcionamento intersubjetivo de construções no PB e para o debate mais amplo sobre a relação entre uso, significado e interação na gramática.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, apresenta-se o enquadramento teórico que fundamenta a análise. Em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados para a seleção e análise dos dados. Depois, a seção de análise é dedicada à descrição dos padrões de uso do “sabe”, bem como à proposição de uma generalização semântico-pragmática que articula esses padrões. Por fim, na seção final, retomam-se os principais resultados do estudo, discutem-se suas implicações teóricas e apontam-se possíveis desdobramentos para pesquisas futuras.

Enquadramento teórico

Este trabalho adota como referencial teórico a GCBU, abordagem segundo a qual a gramática de uma língua é concebida como uma rede de construções (pareamentos de forma e significado) emergentes do uso linguístico. O conhecimento linguístico, portanto, não é concebido como um sistema composto por regras abstratas e independentes do uso, mas como um repertório estruturado de unidades simbólicas cuja organização reflete padrões recorrentes de experiência linguística.

Um princípio central dessa abordagem é que a experiência de uso desempenha papel fundamental na organização do conhecimento gramatical. Por isso, a recorrência de determinados pareamentos forma-função em contextos interacionais específicos favorece sua convencionalização, de modo que a gramática passa a ser compreendida como um sistema dinâmico, sensível à frequência, à variação e à mudança (Bybee, 2010; Diessel, 2015). Nesse modelo, léxico e gramática não constituem componentes ontologicamente distintos, mas integram um *continuum* de construções que variam em graus de esquematicidade e produtividade. A gramática emerge, assim, do acúmulo e da organização dessas regularidades de uso, resultando em uma rede hierarquicamente estruturada de construções inter-relacionadas.

Para compreender como o uso linguístico se organiza em contextos interacionais, este trabalho mobiliza ainda a noção de *common ground*, entendida como o conjunto de conhecimentos, pressupostos e crenças que os participantes de uma interação tratam como compartilhados ou potencialmente compartilháveis (Clark, 1996). O *common ground*, então, não constitui um estoque fixo de informações, mas um espaço dinâmico que se constrói e se ajusta continuamente ao longo do discurso, à medida que os interlocutores introduzem, negociam e acomodam novas informações na interação.

Metodologia

A análise desenvolvida neste artigo baseia-se em dados extraídos do *Corpus do Português* (Davies, 2016), aba *News on the web* (NOW), da variedade brasileira. O *corpus* reúne textos contemporâneos de caráter predominantemente jornalístico, provenientes de diferentes países e variedades do português (brasileiro e europeu). Embora se trate majoritariamente de textos escritos, muitos dos dados incluem trechos em discurso direto, entrevistas e relatos pessoais, o que possibilita o acesso a usos que se aproximam, em alguma medida, da oralidade.

A coleta dos dados teve como ponto de partida a busca pela forma verbal “sabe”, flexionada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, com base na qual foram inicialmente recuperadas 100 mil ocorrências. Em seguida, foi feito um processo de filtragem manual criterioso, orientado pelos objetivos específicos da pesquisa. Nessa etapa, foram excluídos: (i) dados em que o “sabe” funcionava como verbo pleno; (ii) dados repetidos; (iii) ocorrências provenientes de textos traduzidos de outras línguas; e (iv) ocorrências produzidas em PB, mas por falantes não nativos.

Após esse processo, constituiu-se um conjunto final de 1.524 ocorrências do marcador pragmático “sabe”, que serviu de base para a análise qualitativa. Cada ocorrência foi examinada em seu contexto discursivo imediato e ampliado, considerando-se não apenas o enunciado em que o marcador aparece, mas também o contexto precedente e subsequente. Como será descrito na seção a seguir, a análise adotada é de natureza qualitativa, orientada pela identificação de padrões recorrentes de uso.

Análise e sistematização dos dados

A observação dos dados coletados revelou que o “sabe” não se distribui de maneira aleatória no discurso: ao contrário, sua ocorrência está sistematicamente associada a contextos nos quais o

falante demonstra atenção explícita ao estado da interação e ao grau de alinhamento com o interlocutor. De modo mais específico, o marcador atua em duas frentes complementares de monitoramento intersubjetivo: em determinados momentos, ele incide sobre o conteúdo proposicional do enunciado e serve para verificar ou ajustar o alinhamento quanto à sua interpretação, isto é, para assegurar que os interlocutores estejam “na mesma página” em relação ao conteúdo em questão; em outros contextos, o “sabe” atua diretamente no plano das expectativas e normas sociais que organizam a interação, marcando a necessidade de alinhamento quanto à própria natureza do comportamento descrito.

Essa constatação levou à formulação de uma generalização central para o presente trabalho: no PB, o marcador pragmático “sabe” funciona como um recurso intersubjetivo sensível ao *common ground*, atuando em sua manutenção, ajuste ou exploração ao longo do discurso. Em outras palavras, o “sabe” opera como um marcador de monitoramento interacional, por meio do qual o falante sinaliza sua preocupação com o alinhamento cognitivo entre os interactantes.

Importa ressaltar, no entanto, que esse monitoramento interacional não se manifesta de maneira uniforme em todos os contextos. A análise que será apresentada a seguir mostrará que, embora o marcador esteja sempre vinculado a uma orientação para o interlocutor, os objetivos pragmáticos que motivam sua ocorrência variam de acordo com o tipo de situação discursiva em que é empregado. Em linhas gerais, como se verá, os dados apontam para contextos em que o falante mobiliza o “sabe” para prevenir ou reparar possíveis desalinhamentos interpretativos e para contextos em que o marcador atua como recurso de validação ou avaliação intersubjetiva, distinção que será desenvolvida e fundamentada nas seções seguintes.

Essa diferença funcional recorrente motivou a proposta de que o marcador “sabe” se organiza em dois usos, que se distinguem precisamente pela presença ou ausência de risco para o

alinhamento do *common ground*. Essa distinção não implica a postulação de construções independentes, mas aponta para a existência de uma rede construcional na qual diferentes usos compartilham um núcleo intersubjetivo comum, isto é, a orientação para o alinhamento cognitivo entre os participantes da interação, ao mesmo tempo que se especializam funcionalmente, de um lado, na recalibração do fluxo discursivo; de outro, na busca por validação intersubjetiva.

Os dois padrões de uso do marcador “sabe”

Conforme já apresentado, a distinção entre os dois usos do “sabe” fundamenta-se no modo como cada ocorrência se relaciona com a gestão do *common ground*. Mais especificamente, o critério central que orienta essa classificação é a presença ou a ausência de um risco de desalinhamento interpretativo entre falante e interlocutor no momento em que o marcador é mobilizado.

No uso 1, a ocorrência do “sabe” está sistematicamente associada à existência do que chamamos de Fonte Potencial de Desalinhamento (FPD), ou seja, uma proposição que, por suas propriedades semântico-pragmáticas, pode comprometer a correta incorporação da informação ao *common ground*. Um exemplo desse funcionamento pode ser observado em (3):

- (3) [...] “Nunca tive problemas em me aceitar. E olha que eu vim de uma infância em que eu não era bonita, de uma adolescência esquisita... De repente, virei uma mulher diferente, charmosa, exuberante. Até hoje, só consertei o meu nariz de berinjela, mais nada. Por enquanto. Acredito em esses consertinhos, que parecem que você foi para Caxambu (MG) tirar férias em as águas termais e volta diferente, sabe? Não é plástica, é um pequeno acerto (risos). [...]” (*Corpus do Português – NOW*)

No exemplo, o “sabe” ocorre em um contexto no qual a falante antecipa uma possível dificuldade de interpretação associada à forma como o conteúdo foi expresso. Nesse caso, a FPD decorre da própria formulação do enunciado, cujo caráter figurado ou pouco transparente pode dificultar sua interpretação imediata pelo interlocutor. Nesses casos, o marcador atua como um mecanismo de recalibração do enquadramento interpretativo. Ao empregá-lo, o falante sinaliza sua consciência do risco de desalinhamento e orienta o interlocutor a reavaliar ou ajustar a interpretação. Essa função, contudo, não se realiza por meio de uma solicitação explícita de recalibração, mas pela mobilização do próprio marcador como um recurso pragmático de orientação interpretativa, que incide sobre o modo como o conteúdo deve ser integrado ao *common ground*.

A análise dos dados mostrou, no entanto, que as FPDs associadas ao uso 1 não são homogêneas, ao contrário, elas decorrem de diferentes tipos de tensão que podem emergir no discurso. De maneira recorrente, essas tensões se manifestam: (i) no próprio encadeamento discursivo, quando o falante produz proposições que entram em contraste ou exigem correção em relação ao que foi dito anteriormente (como ocorre em (4)); (ii) no confronto com modelos de mundo compartilhados ou expectativas socioculturais do interlocutor (como em (5)); ou (iii) na natureza abstrata, subjetiva ou pouco transparente do conteúdo expresso ou da estrutura, o que dificulta sua interpretação (como visto em (3)).

- (4) [...] “Cara, eu gosto de mim. Solteira, namorando... gosto de mim. Acho que por isso talvez eu esteja solteira há quase dois anos, por gostar tanto de mim e por estar difícil de encontrar alguém legal também.” # ? JÁ CONHECEU ALGUÉM EM APP DE RELACIONAMENTO? ACHA VÁLIDO? # “Acho super válido. Nunca entrei, então, não tenho esse lugar pra dizer, sabe? Mas tenho amigas que já saíram com várias pessoas legais em aplicativo de relacionamento.” (Corpus do Português – NOW)

- (5) O quadro, uma das mais valorizadas telas brasileiras no mercado mundial de artes, traduz a primeira grande lição de liderança de a artista, segundo Souza. “Ela foi uma líder transformadora e o impacto de ela como líder transformacional vem com o Abaporu em 1928”, diz Souza. # Em tempos de repetição a exaustão do termo *disrupção*, o Abaporu é inspiração para quem deseja mudar paradigmas, para usar outro termo bastante usado em o meio corporativo. “Com ousadia e coragem, ela fez o que ninguém esperava”, diz Souza. # “Eu quis fazer um quadro que assustasse o Oswald (de Andrade), sabe? Que fosse uma coisa mesmo fora de o comum. Aí é que vamos chegar no Abaporu. Eu mesma não sabia por que eu queria fazer aquilo... depois é que eu descobri”, disse Tarsila, no texto destacado por a curadoria de a exposição. [...] (Corpus do Português – NOW)

Em (4), o marcador aparece em um momento em que o falante introduz uma ressalva em relação à própria afirmação anterior. Ao declarar que considera aplicativos de relacionamento válidos, mas que nunca utilizou esse tipo de plataforma, o falante reconhece uma possível tensão entre as duas proposições. Nesse contexto, o marcador atua como um recurso de gestão do encadeamento discursivo, sinalizando ao interlocutor que a afirmação subsequente deve ser interpretada como uma correção ou qualificação do que foi dito anteriormente.

Em (5), por sua vez, a FPD não decorre de uma tensão entre proposições, mas do possível confronto entre o conteúdo do enunciado e expectativas socioculturais compartilhadas. Ao afirmar que quis produzir um quadro que “assustasse” Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral menciona uma intenção que pode ser interpretada como incomum ou inesperada no contexto de uma relação profissional entre artistas. Nesse caso, o “sabe” atua como um recurso de orientação interpretativa, convidando o interlocutor a considerar e se alinhar ao caráter não convencional do comportamento apresentado pela pintora.

Esses diferentes tipos de FPD motivaram, portanto, a identificação de três subtipos internos ao uso 1, que serão descritos mais detalhadamente nas seções seguintes. Em todos eles, contudo, a função central do “sabe” permanece a mesma: garantir a manutenção do alinhamento interpretativo por meio da recalibração do *common ground*.

Em contraste com o uso 1, o uso 2 do “sabe” ocorre em situações em que parece haver baixo risco FPD. Nesses casos, o *common ground* encontra-se em larga medida estável, e o conteúdo do discurso é facilmente integrável ao conhecimento compartilhado. Ainda assim, o falante opta por empregar o “sabe”, o que indica que sua função, nesses contextos, não é de natureza corretiva ou preventiva. Um exemplo desse uso pode ser observado em (6):

- (6) [...] Assim que o pano cai, uma surpresa: Mari aparece em cena, representando o « melhor” de o ex-BBB. # — Estava saindo de o banho e pensei: “Dá para fazer alguma brincadeira com essa toalha, velho. Falei com a Mari sobre a ideia e gravamos. Bombou muito — diverte-se Jonas. — Sempre tive bom humor e fui notando que os seguidores adoravam esse lado de o casal. Acabou criando uma intimidade maior entre a gente e a turma digital. Depois de esses vídeos divertidos, passamos a ganhar mais comentários e curtidas» em as postagens. # Mari conta que eles não divagaram sobre o tema. Apenas fizeram o vídeo. # — É muito bom você conseguir tirar risadas de alguém, sabe? Às vezes, a pessoa está em um dia ruim e vê um post como esse e tudo muda. [...] (*Corpus do Português – NOW*)

No dado, o “sabe” ocorre em um contexto no qual parece haver um risco significativamente baixo de FPD, uma vez que a proposição “é muito bom você conseguir tirar risadas de alguém” não apresenta ambiguidade interpretativa nem entra em tensão com expectativas socioculturais compartilhadas (o que a torna facilmente integrável ao *common ground*). Ao empregar o “sabe” aqui, o falante projeta uma expectativa de validação por parte

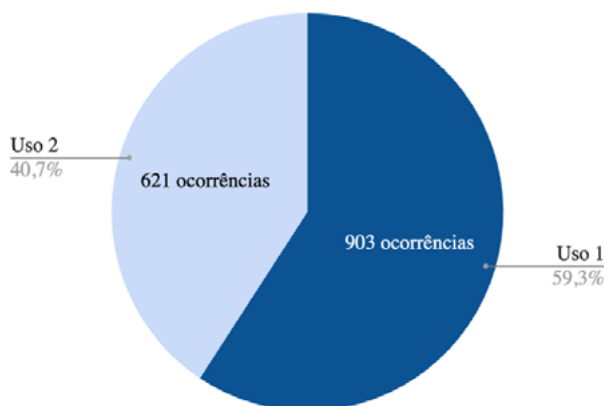
do interlocutor: ao afirmar que é gratificante fazer alguém rir, ele não apenas expressa uma avaliação positiva da situação, mas também projeta uma autoavaliação favorável de si mesmo, associada à capacidade de provocar alegria nos outros. O “sabe”, nesse contexto, funciona como um convite implícito para que o interlocutor reconheça e corrobore essa avaliação.

Como se vê, no uso 2, o “sabe” opera predominantemente no plano da relação intersubjetiva, agindo como um recurso de performance pública de busca por validação. Ao utilizá-lo, o falante convida o interlocutor a reconhecer, compartilhar ou corroborar uma avaliação ou experiência pessoal, de modo a reforçar a conexão interpessoal e a afiliação discursiva entre os interactantes. Trata-se, portanto, de um uso orientado menos para a organização conjunta do conteúdo informacional e mais para a gestão da relação interpessoal.

Essa distinção entre os dois usos (uso 1, recalibração; uso 2, validação) permite compreender o marcador “sabe” como parte de uma rede construcional, cujos diferentes “nós” – isto é, construções individuais interligadas dentro da rede – compartilham uma orientação comum para o interlocutor e para o estado da interação, mas se diferenciam quanto ao tipo de operação pragmática realizada sobre o *common ground*. No uso 1, a ênfase recai sobre a manutenção do alinhamento interpretativo; no uso 2, sobre o reforço de laços intersubjetivos por meio da validação, da empatia e da polidez positiva.

Do ponto de vista quantitativo, foram identificadas 1.524 ocorrências do marcador pragmático “sabe” no *corpus* analisado. Dessas, 903 (59,3%) correspondem ao uso 1, enquanto 621 ocorrências (40,7%) instanciam o uso 2. Essa distribuição, apresentada no Gráfico 1, indica que, embora o emprego do marcador como recurso de recalibração do *common ground* (uso 1) seja ligeiramente predominante, seu uso voltado à busca de validação e ao reforço da conexão intersubjetiva também se mostra altamente produtivo no *corpus*.

Gráfico 1 – Distribuição por uso



Fonte: elaboração própria.

Uso 1: subtipo 1

O primeiro subtipo do uso 1 reúne ocorrências em que a FPD emerge da própria organização interna do discurso. Nesses casos, o risco de desalinhamento não decorre de fatores externos ao enunciado, mas da maneira como as proposições são encadeadas. Mais especificamente, trata-se de contextos em que o falante introduz uma informação que ativa determinadas inferências no interlocutor e, em seguida, necessita corrigi-las, atenuá-las ou refiná-las.

Esse tipo de FPD está diretamente relacionado com a dinâmica do processamento discursivo. Ao ouvir uma proposição, o interlocutor tende a integrá-la imediatamente ao *common ground*, construindo modelos mentais provisórios que orientam a interpretação do que vem a seguir (Stalnaker, 2002; Clark, 1996). Quando o falante percebe que esse modelo provisório pode estar desalinhado em relação àquilo que efetivamente pretende

comunicar, ele mobiliza o marcador “sabe” como um mecanismo de recalibração, sinalizando ao ouvinte que é necessário revisar ou ajustar a inferência recém-ativada.

Nessas ocorrências, o “sabe” aparece tipicamente associado a movimentos discursivos de reparo ou reorientação, frequentemente próximos a reformulações, especificações ou contrastes. Sua função não é simplesmente marcar continuidade conversacional, mas indicar uma inflexão relevante na interpretação esperada do conteúdo. Ao empregar o “sabe”, o falante chama a atenção do interlocutor para o ponto exato em que o alinhamento pode ter sido comprometido, sem precisar recorrer a estratégias mais explícitas de correção. Um exemplo desse subtipo pode ser observado no excerto retirado de uma entrevista com o tenista brasileiro João Menezes:

- (7) [...] Você já conversou com o Jaime Oncins desde que ele assumiu o papel de capitão de o Brasil em a Davis? Se sim, o que falaram? Eu tive uma breve conversa, uma breve troca de mensagens com o Jaime após o título em Samarkand. Ele disse que acompanhou e que tinha gostado bastante. Eu conheço o Jaime assim pessoalmente, mas conheço de vista, sabe? Não sou bem familiar com ele. Mas acho que nós vamos ter uma semana muito legal agora em os Jogos Pan-Americanos, em a qual ele é o treinador e eu estarei jogando. [...] (*Corpus do Português – NOW*)

A análise desse trecho evidencia com clareza o funcionamento do “sabe” como marcador de recalibração do *common ground*. Inicialmente, ao afirmar “eu conheço o Jaime assim pessoalmente”, o falante ativa uma expectativa relativamente forte de proximidade com Jaime Oncins (uma vez que, no contexto sociocultural brasileiro, a expressão “conhecer alguém pessoalmente” costuma ser interpretada como indicativa de algum grau de convivência ou familiaridade). Logo em seguida, porém, o falante produz a oração adversativa “mas conheço de vista”, o

que atenua substancialmente o grau de proximidade sugerido anteriormente.

Esse encadeamento cria um ponto potencial de instabilidade interpretativa (ou, como chamamos aqui, uma FPD): o interlocutor é exposto a duas afirmações que, à primeira vista, parecem incompatíveis – “conhecer pessoalmente” e “conhecer de vista”. Aqui, então, o marcador é mobilizado como um recurso de monitoramento interacional, sinalizando que o falante reconhece o risco de incompreensão gerado pelo conteúdo dessas duas orações e orientando o interlocutor a reavaliar a inferência inicialmente ativada.

Uso 1: subtipo 2

O segundo subtipo do uso 1, por sua vez, reúne casos em que a FPD não emerge da organização interna do discurso, mas do confronto entre a proposição expressa pelo falante e modelos de mundo socialmente compartilhados. Nesses casos, o risco de desalinhamento decorre do fato de que a informação veiculada desafia expectativas socioculturais que (o falante presume que) o interlocutor mobilize no momento da interpretação.

Sob uma perspectiva baseada no uso, esse subtipo evidencia que o funcionamento do “sabe” não pode ser explicado apenas por meio de relações formais entre proposições. Ao contrário, sua interpretação depende de conhecimentos enciclopédicos, normas sociais e estereótipos associados a papéis sociais. O *common ground* relevante aqui não é apenas o que foi explicitamente veiculado, mas também o conjunto de pressupostos compartilhados sobre como certas pessoas “normalmente” se comportam ou se posicionam no mundo.

Um exemplo desse subtipo pode ser observado no trecho a seguir, extraído de uma entrevista concedida pelo cantor Ferrugem após um episódio polêmico envolvendo um fã:

- (8) [...] # Sobre o pisão, Ferrugem disse que ainda estava vulnerável de a situação anterior e garante ter se arrependido de tudo que aconteceu. “Foi uma reação tomada por o calor de o momento. Aquele cara enfiou a mão entre a minha meia e a minha calça e começou a cravar a unha em a minha perna. E ele ria. Mas nada justifica. Eu nunca deveria ter ultrapassado meu limite. Mas aconteceu. Eu me enxergo igual a todos, sabe? Se tivesse noção de o lugar que hoje ocupo não teria feito isso”. # Ele ainda assegurou que vai passar a policiar seus comportamentos e que procurará terapia. “Nunca fiz e tinha preconceito com isso. Mas também recebi um toque de o meu empresário e passarei a fazer. Preciso de tratamento. Vou buscar sim uma terapia”. [...] (*Corpus do Português – NOW*)

Nesse trecho, a proposição “eu me enxergo igual a todos” entra em tensão direta com expectativas socioculturais compartilhadas acerca da identidade de figuras públicas. É comum imaginar que artistas com alto grau de visibilidade sejam percebidos – e muitas vezes se percebam – como excepcionais ou hierarquicamente superiores ao público em geral. Essa expectativa pode, inclusive, funcionar como um pano de fundo implícito para interpretar o episódio narrado, legitimando ou atenuando certos comportamentos.

É precisamente por esse motivo que a afirmação do falante gera uma FPD. Ao se apresentar como alguém que se enxerga “igual a todos”, o cantor desafia uma expectativa social fortemente enraizada, o que pode levar o interlocutor a questionar a veracidade dessa autoimagem. O risco não está em uma contradição discursiva interna, mas na possibilidade de que o ouvinte rejeite ou interprete com ceticismo a proposição, mantendo ativo um modelo de mundo incompatível com o que está sendo afirmado.

Aqui, o “sabe” funciona como um mecanismo de mediação entre a perspectiva do falante e o modelo de mundo do interlocutor. Ao empregá-lo, o falante sinaliza consciência da discrepância entre sua autoavaliação e as expectativas sociais associadas ao

seu papel público. O “sabe” atua, assim, como um convite ao realinhamento: o falante não apenas afirma sua posição, mas solicita implicitamente – por meio do emprego do marcador – que o interlocutor suspenda ou revise seus pressupostos para incorporar essa nova informação ao *common ground*.

Diferentemente do subtipo 1, em que o “sabe” recalibra inferências geradas pelo próprio discurso, aqui, ele intervém sobre inferências derivadas de conhecimento extralinguístico. Ainda assim, a função central permanece a mesma: evitar que falante e ouvinte operem com representações incompatíveis da situação comunicativa. O “sabe” marca o ponto exato em que (o falante assume que) a proposição expressa exige um esforço adicional de acomodação por parte do interlocutor.

Uso 1: subtipo 3

O terceiro subtipo do uso 1 abrange realizações em que a FPD não se localiza nem na organização discursiva nem em conflitos com modelos de mundo compartilhados, mas em uma potencial opacidade semântico-pragmática da proposição veiculada. Essa falta de clareza pode decorrer tanto da natureza do conteúdo expresso quanto da dificuldade do falante em representá-lo linguisticamente de maneira precisa. Trata-se, assim, de contextos em que o falante comumente descreve experiências subjetivas, estados emocionais, sensações corporais ou avaliações cuja interpretação pelo interlocutor depende fortemente de inferências pragmáticas, uma vez que seu acesso é necessariamente mediado pela linguagem.

Nesses casos, o risco de desalinhamento decorre do fato de que o conteúdo não apresenta referentes claros, observáveis ou consensualmente delimitáveis. Ainda que o interlocutor compreenda a sequência proposicional do discurso, ele pode não acessar, com a mesma intensidade ou precisão, a experiência que o

falante pretende comunicar. A FPD, portanto, está associada à intangibilidade semântica do conteúdo ou à percepção, por parte do próprio falante, de que sua formulação é insuficiente para garantir uma interpretação plenamente alinhada.

Um exemplo do subtipo 3 pode ser observado no relato em (9), sobre experiências de assédio:

- (9) [...] “Vivemos em uma sociedade machista, mas em aquela época era bem pior. Eu tinha medo de ninguém acreditar ou de ele fazer algum mal contra mim. Mas hoje ensino minha filha de 11 anos a não ter medo de pedir apoio, com cautela claro, porém nunca se calar. Raiva, nojo, coração acelerado... # Já Lane Souza relatou a o BHAZ ter presenciado diversos casos de assédio e em todos ter se manifestado. “Em todas as situações me vem uma raiva, nojo, coração bate acelerado e vem um sentimento de angústia. Meio que não dá para acreditar naquilo, sabe?!”, confessa. # [...] (*Corpus do Português – NOW*)

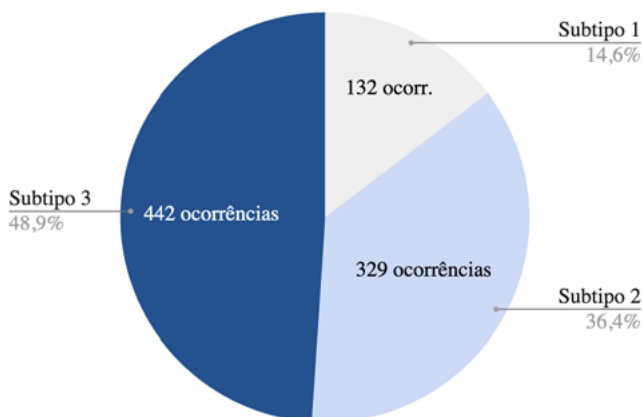
Em (9), a falante descreve experiências internas que não são diretamente acessíveis ao interlocutor. Termos como *raiva*, *nojo* e *angústia* operam como rótulos aproximativos para estados subjetivos complexos. A proposição “meio que não dá pra acreditar naquilo” intensifica essa indeterminação ao expressar uma certa incredulidade difusa, o que amplia o potencial de desalinhamento intersubjetivo. Diferentemente dos subtipos anteriores, em que o marcador atua sobre inferências proposicionais ou expectativas socioculturais, neste caso, ele ajuda a assegurar o êxito comunicativo diante de conteúdos que, por serem em alguma medida intangíveis, apresentam risco inerente de incompreensão (ou, pelo menos, de ausência de compreensão plena). Do ponto de vista do gerenciamento do *common ground*, o que está em jogo não é a correção de uma inferência equivocada, mas a tentativa de minimizar a distância entre duas experiências internas assimétricas: a de quem viveu o evento e a de quem apenas o escuta.

Aqui, portanto, o que o “sabe” faz é atuar sobre a interpretabilidade do enunciado – mais especificamente, o marcador, nesses casos, sinaliza a abertura de um espaço interpretativo, no qual o interlocutor é convocado a colaborar na construção do significado. O “sabe”, nesses casos, sugere algo próximo a “você consegue imaginar isso?” ou “você entende o que isso representa?”, sem que tais perguntas sejam formuladas explicitamente.

Embora o subtipo 3 apresente afinidades funcionais com usos de natureza fundamentalmente empática, característicos do uso 2, como será desenvolvido adiante, ele se distingue por efetivamente envolver uma FPD, ancorada na opacidade da expressão – seja na representação de experiências subjetivas, seja na falta de clareza estrutural. Nesses casos, o “sabe” é uma estratégia preventiva, mobilizada para evitar que a imprecisão comprometa a interpretação do enunciado, orientando o interlocutor à incorporação, no *common ground*, não apenas do conteúdo proposicional, mas também do seu estatuto aproximativo.

Por fim, a distribuição quantitativa das ocorrências confirma que os três subtipos do uso 1 apresentam comportamentos distintos em termos de frequência. Conforme ilustrado no Gráfico 2, o subtipo 3 (associado a situações de potencial falta de clareza na expressão) corresponde à parcela mais numerosa dos dados, com 442 ocorrências (48,9%). Em seguida, aparece o subtipo 2, relacionado ao confronto com modelos de mundo compartilhados, com 329 ocorrências (36,4%). O subtipo 1, vinculado a ajustes no encadeamento discursivo, representa a menor parcela do conjunto, com 132 ocorrências (14,6%). Esses resultados sugerem que, no uso 1, o emprego do “sabe” é particularmente recorrente em contextos nos quais o falante precisa lidar com conteúdos subjetivos ou de difícil formulação, nos quais o risco de desalinhamento interpretativo decorre da própria natureza da experiência comunicada.

Gráfico 2 – Distribuição das ocorrências do uso 1 por subtipo



Fonte: elaboração própria.

Uso 2

Diferentemente do que se observa no uso 1, em que a ocorrência do marcador pragmático “sabe” está sistematicamente associada à presença de uma FPD, o uso 2 reúne contextos em que o *common ground* se encontra sob risco significativamente baixo de desalinhamento. Nesses casos, não há risco iminente de confusão interpretativa nem necessidade de correção, atenuação ou acomodação de expectativas. O encadeamento discursivo não apresenta qualquer contradição em potencial e não entra em conflito com modelos de mundo compartilhados. Aqui, a função do “sabe”, portanto, não é recalibrar a interação no que se refere aos modelos de mundo assumidos pelos participantes, mas operar sobre a sua dimensão relacional. Mais especificamente, o “sabe” passa a funcionar como um recurso voltado à performance pública de busca por validação ou por empatia, projetando para o interlocutor uma expectativa de engajamento afetivo.

Um primeiro conjunto de dados do uso 2 envolve contextos em que o falante mobiliza o “sabe” para buscar validação pública de uma autoavaliação, frequentemente positiva. Nesses casos, o falante já expressou explicitamente uma opinião sobre si e utiliza o marcador para convidar o interlocutor a ratificar essa avaliação. Um exemplo pode ser observado no dado (10), em que uma caminhoneira relata sua trajetória profissional:

- (10) [...] # Cristina conheceu a adrenalina de a estrada a o lado de o ex-marido, que também é caminhoneiro. Hoje, sozinha, ela viaja para todos os estados de o país fazendo entregas de eletrodomésticos e outros materiais que surgirem. # “Nunca me arrependi. Para mim, a maior satisfação é entrar em o caminhão, que é meu mesmo, colocar ele em a pista e sair para viajar. É o maior orgulho que tenho. As pessoas que passam por mim e batem palma, buzinam. Já tiraram até o chapéu para mim, sabe? É bem gratificante”, contou. # [...] (Corpus do Português – NOW)

Nesse excerto, parece haver risco baixo de FPD, já que o conteúdo da proposição é coerente e compatível com modelos de mundo compartilhados. Além disso, o relato da caminhoneira segue uma progressão informacional linear, sem contradições internas ou necessidade de esclarecimento adicional. Ainda assim, o “sabe” aparece em posição final (“Já tiraram até o chapéu para mim, sabe?”), desempenhando uma função claramente interacional.

Nesse caso, o marcador sinaliza uma expectativa de concordância – e, mais do que isso, de corroboração pública – por parte do interlocutor. O falante não solicita confirmação factual, mas reconhecimento avaliativo – isto é, trata-se de um convite para que o ouvinte compartilhe a leitura positiva da situação apresentada, reconhecendo o orgulho associado à experiência narrada. O “sabe” funciona, portanto, como um gatilho para a coconstrução pública da avaliação, reforçando a legitimidade da autoimagem projetada pelo falante.

Do ponto de vista da coordenação do *common ground*, esse uso não promove ajustes informacionais, mas consolida um alinhamento afetivo entre os interlocutores. O “sabe”, aqui, sinaliza que o falante espera que o interlocutor não apenas compreenda o conteúdo, mas também se posicione favoravelmente em relação a ele. Nesse sentido, o “sabe” atua como um recurso de afiliação, fortalecendo a solidariedade interacional.

Um segundo conjunto de ocorrências do uso 2 envolve contextos em que o “sabe” é empregado para mobilizar empatia, e não validação positiva. Nesses casos, o falante relata dilemas pessoais, dificuldades ou conflitos cotidianos, sem que haja qualquer ambiguidade ou risco de incompreensão no nível proposicional. Um exemplo pode ser visto em (11), em que uma atriz fala sobre a dificuldade de manter uma rotina de exercícios:

- (11) [...] Sempre tive o corpo que a personagem exigia. Lembro até que, em uma de as vezes em que a temporada de o “Vai, Fernandinha” acabou, pensei: “Caramba! Posso ter também o cabelo que eu quiser, o visual que me der em a telha!”. Pela primeira vez, percebi que não precisaria engordar ou perder peso por um trabalho – relata. # A balzaquiana, que semanas atrás mostrou vídeos de ginástica funcional, admite que deixou de estabelecer necessidades de fazer exercícios físicos com frequência: # – Chegou uma época em que eu não estava conseguindo fazer todo fim de semana, sentia vontade de ficar em casa... Eu queria pegar minha sobrinha e passar o domingo com ela, sabe? Aos poucos, fui me adaptando e tendo mais controle sobre mim. # [...] (*Corpus do Português* – NOW)

Assim como em (10), aqui o encadeamento discursivo é claro, bem como seu conteúdo – portanto, não há risco de desalinhamento do *common ground*. No caso em questão, o “sabe” não opera sobre o conteúdo do enunciado, mas sobre a relação entre os interlocutores.

No exemplo (11), o marcador funciona como um convite à identificação afetiva: ao admitir uma certa culpa por não conseguir manter a prática de exercícios físicos com a frequência desejada – especialmente em um contexto em que há forte cobrança social sobre o corpo e a imagem de uma atriz –, a falante expõe um conflito pessoal potencialmente compartilhável. O “sabe” atua, então, como um recurso de aproximação, orientando o interlocutor a reconhecer esse sentimento (ou comportamento) como socialmente razoável. Assim, o “sabe” convoca o ouvinte a alinhar-se afetivamente à experiência narrada, sugerindo algo como “você valida a minha atitude, certo?”.

Um aspecto relevante do uso 2 é sua afinidade funcional com as estratégias de polidez positiva sistematizadas por Brown e Levinson (1987), especialmente no que tange à reivindicação de terreno comum (*claim common ground*) e à busca por concordância (*seek agreement*). Ao acionar essas estratégias, voltadas ao compartilhamento de pontos de vista, atitudes e conhecimentos, o marcador pragmático orienta o interlocutor a reconhecer uma base comum, que favorece o alinhamento interacional e a cooperação discursiva.

Ao empregar o marcador, o falante sinaliza que considera o interlocutor capaz de compreender, compartilhar e validar sua experiência. Especificamente no caso do uso 2, isso contribui para a proteção da face positiva do falante, na medida em que reduz a possibilidade de julgamento negativo ou indiferença por parte do ouvinte. O que o “sabe” faz, então, é criar um espaço interacional de reconhecimento mútuo, no qual a relação social é priorizada em detrimento da mera transmissão de informação.

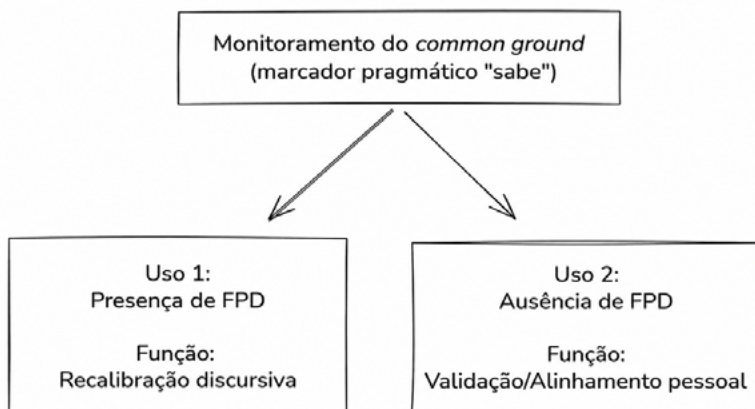
Em (10), dado em que a falante apresenta uma autoavaliação positiva, o “sabe” funciona como um convite à corroboração por parte do interlocutor. Ao usar o marcador, a falante pressupõe que o ouvinte dispõe do conjunto de conhecimentos necessário para ratificar essa avaliação (idealmente de forma pública), ativando uma base comum de expectativas sociais. Nesse caso, a estratégia

se aproxima diretamente do que Brown e Levinson (1987) escrevem como *seek agreement*: a falante não impõe sua autoimagem (embora claramente se orgulhe dela), mas a submete à validação do outro, garantindo a redução do risco de julgamento negativo.

Já em (11), em que a falante relata um dilema pessoal acompanhado do que parece um sentimento de culpa, o “sabe” opera de modo ligeiramente distinto. Como vimos, o marcador não busca apenas concordância avaliativa, mas, sobretudo, empatia. Ao acionar o “sabe”, a falante sugere que a situação narrada é facilmente compartilhável, especialmente à luz de pressões sociais amplamente conhecidas (exigências ligadas ao corpo, à imagem pública). Trata-se, portanto, de uma reivindicação de terreno comum por meio da qual o interlocutor é convidado a reconhecer esse dilema como legítimo e, conseqüentemente, a alinhar-se afetivamente à experiência relatada.

Por fim, buscamos mostrar que o marcador pragmático “sabe” no PB se organiza em torno de uma função geral de monitoramento interacional do *common ground*. No primeiro grande padrão de uso, o marcador ocorre em contextos nos quais há FPD clara, atuando como recurso de recalibração interpretativa diante de riscos associados ao encadeamento discursivo, ao confronto com expectativas socioculturais ou à falta de clareza na expressão. No segundo, o “sabe” aparece em contextos em que há risco baixo de FPD, funcionando como um recurso de busca de validação ou alinhamento interacional. A Figura 1 sintetiza essa organização:

Figura 1 – Organização funcional do marcador pragmático “sabe” no PB



Fonte: elaboração própria.

Considerações finais

A análise das 1.524 ocorrências examinadas permite propor uma generalização semântico-pragmática para o marcador “sabe” no PB. Argumentou-se que esse item constitui um recurso intersubjetivo de monitoramento da interação, orientado à coordenação do *common ground* entre falante e interlocutor.

Os dados indicam que essa função se realiza de duas maneiras sistemáticas. No uso 1, o marcador atua como um mecanismo de recalibração discursiva, mobilizado em contextos nos quais há uma FPD, isto é, situações em que a incorporação da informação ao *common ground* pode ser comprometida. No uso 2, por sua vez, o “sabe” ocorre em contextos de estabilidade interpretativa, funcionando como um recurso de busca de validação ou empatia, associado a estratégias de alinhamento interpessoal.

Ao explicitar esses padrões, o trabalho contribui para uma descrição mais integrada do funcionamento intersubjetivo de

construções no PB, mostrando que o “sabe” constitui uma unidade simbólica sensível às dinâmicas de alinhamento cognitivo na interação. Espera-se que a proposta delineada possa subsidiar investigações futuras sobre outras construções orientadas ao monitoramento interacional, bem como contribuir para o avanço da descrição construcional do PB.

Managing the common ground: the pragmatic marker “sabe” in Brazilian Portuguese

ABSTRACT: This article analyzes the pragmatic marker *sabe* (“you know”) in Brazilian Portuguese from the perspective of Usage-Based Construction Grammar. It proposes that the marker functions as an interactional monitoring device aimed at managing common ground and coordinating intersubjective alignment between interlocutors. Based on a qualitative analysis of 1,524 occurrences extracted from the *Corpus do Português*, two functional patterns were identified. Use 1, which is preventive or corrective in nature, arises in the presence of a Potential Source of Misalignment (PSM), that is, a proposition that threatens the proper incorporation of information into the common ground by creating a risk of misinterpretation. In such cases, the marker recalibrates the discourse flow to ensure interpretive alignment. By contrast, Use 2 occurs in contexts characterized by common-ground stability. In these cases, where the risk of a PSM is significantly lower, *sabe* functions as a positive politeness marker, reinforcing affiliation between participants. The study therefore advances the generalization that the marker *sabe* is an intersubjective resource sensitive to the state of the common ground, to which it is systematically linked, either to maintain it or to adjust it throughout the course of interaction.

KEYWORDS: pragmatic marker “sabe”; intersubjectivity; common ground; interactional monitoring.

REFERÊNCIAS

- BERTASSO, Flávia do Carmo. Construções subordinadas com o verbo saber em uma perspectiva cognitivo-funcional. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 674-688, 2020.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CLARK, Herbert H. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, Mark. *Corpus do Português: NOW*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. 2016.
- DIESSEL, Holger. *Usage-based Construction Grammar*. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. II: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- MARTELOTTA, Mário; LEITÃO, Márcio M. Discursivização do verbo saber. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião

Josué; CEZARIO, Maria Maura. (org.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; RAMOS, Nice da Silva. O verbo cognitivo *saber* em duas construções marcadoras discursivas do português contemporâneo. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; ALMEIDA, Ariadne Domingues (org.). *Trabalhos em Linguística Cognitiva e Interfaces: abordagens semânticas e gramaticais*. Campinas: Pontes Editores, 2025. p. 277-298.

SILVA, Gisele de O.; MACEDO, Alzira V. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

STALNAKER, Robert. Common ground. *Linguistics and philosophy*, [S. l.], v. 25, n. 5/6, p. 701-721, 2002.

VALLE, Carla Regina Martins. *Sabe?~ não tem?~ entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VALLE, Carla Regina Martins. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.